

Em busca do Paraíso perdido: a *Árvore* e a *Palavra* em dois livros de José Jorge Letria para a infância e a juventude

Carlos Nogueira*

RESUMO

Este artigo ocupa-se de dois livros de José Jorge Letria, *A Árvore dos Abraços* e *O Homem Que Tinha uma Árvore na Cabeça*, os quais, a partir da relação, positiva e negativa, entre seres humanos e duas árvores, convidam o leitor a uma reflexão séria sobre a questão da vida na Terra e o seu futuro incerto (previsivelmente trágico, se não se iniciar um processo de sustentabilidade). Subjaz ao texto de Carlos Nogueira e às obras em análise a ideia de que não é possível construir uma Humanidade integral sem uma articulação efectiva entre todos os elementos da Natureza e uma biologia total da Palavra.

A Árvore dos Abraços (Quasi, 2005) e *O Homem Que Tinha uma Árvore na Cabeça* (Porto Editora, 2007), de José Jorge Letria, são obras em que as experiências da Natureza e da Palavra se fundem numa espécie de revisitação simbólica de uma união que é por certo uma das primeiras manifestações de deslumbramento *cósmico* do ser humano, ao reconhecer-se corpo de sentidos no mundo natural e simultaneamente corpo de palavras. Por experiência da Palavra entenda-se o corpo do texto que se faz sentir no leitor, não um tratado de poética da palavra enunciado nestas duas narrativas: o corpo do texto que se vive intelectual e fisicamente através de uma materialidade e de significados em que o leitor é portanto herdeiro e intérprete de uma espaço ontológico original.

Esse espaço é o da renovação cíclica da Natureza e ao mesmo tempo o da encarnação da sublimidade espiritual do ser humano, que só poderá existir integralmente nesse Paraíso há muito perdido. N' *A Árvore dos Abraços* e n' *O Homem Que Tinha uma Árvore na Cabeça*, a ligação a essa Totalidade perdida faz-se, nos sentidos bíblico e empírico, através de uma árvore que é em si mesma um paraíso na Terra. Tal como, de acordo com a tradição bíblica, "toda a árvore agradável à vista, e boa para comida", e tal como "a árvore da vida, no meio do jardim" do Éden, que "o Senhor Deus fez brotar da terra"¹, as árvores destas histórias são um corpo de epifanias; porém, perdido o jardim do Éden,

* Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa. <carlos_nogueira@aeiou.pt>

¹ "A formação do jardim do Éden", in *Génesis*, in *A Bíblia Sagrada (Contendo o Velho e o Novo Testamento)*, traduzida para português por João Ferreira de Almeida, edição revista e corrigida, Lisboa, Edição da Sociedade Bíblica de Portugal, 1999 (1.ª ed., Sociedades Bíblicas Unidas, 1968), p. 6.

perdeu-se igualmente o jardim do Mundo, que, em ciclos de renascimentos e mortes, a humanidade procura recuperar desde esse primeiro apocalipse: a árvore dos abraços e a árvore de Arbóreo, o homem-árvore, também morrem; essas mortes são todavia renascimentos anunciados, não só porque o maior dos milagres da natureza é o milagre do seu perpétuo renascimento, mas ainda porque nem todos os seres humanos perderam a *inocência* que poderá salvar o mundo: no lugar da árvore dos abraços haverá já talvez outra árvore, “com muitos mais abraços para dar”²; e a “árvore rara [a] que Newton foi buscar a maçã que usou para demonstrar a Lei da Gravidade”³ é talvez descendente de Arbóreo, já que o sabor dessa maçã era igual ao da árvore que ele tinha na cabeça.

A árvore dos abraços, depois de abraçar o menino que perdera a mãe, depois de abraçar todos os que lhe solicitaram “o seu amparo e o seu carinho”, depois de ser protegida de quem a queria abater para no seu lugar construir uma urbanização, “morreu de cansaço e de velhice, mas morreu de pé”, um cansaço originado pelo sensacionalismo criado à sua volta: “Tendo notícia do que ali acontecera, vieram pessoas para a zona cobrar bilhetes a quem desejava aproximar-se da árvore e ser abraçado por ela. Foram também essas pessoas que começaram a vender postais com a fotografia da árvore e pedaços da sua casca áspera e grossa dentro de caixinhas de vidro. Chegara a hora de se fazer negócio. Houve mesmo quem falasse num novo milagre que ali tinha acontecido. Nesse dia vieram os jornais, e também as televisões, que queriam abrir os telejornais com a reportagem em directo, já que nesse dia não havia nenhum escândalo na política nem na vida social”. A citação é longa, mas serve para ilustrar uma das qualidades da escrita de José Jorge Letria: a denúncia dos lugares-comuns da civilização, através de um discurso despojado mas incisivo que tem como preocupação basilar contribuir para a formação de leitores inconformados e hábeis na descodificação dos sinais de alienação e totalitarismo que os poderes instituídos não conseguem encobrir completamente, apesar de disporem de estratégias de comunicação muito evoluídas.

A árvore de Tenório, conhecido depois por Arbóreo, também é primeiro um paraíso: dela Arbóreo colhia frutos saborosos, dela aproveitava a sombra para dormir, nela poisavam e se abrigavam os pássaros e à sua volta brincavam as crianças. Mas a loucura dos homens trará a morte ao homem-árvore e a um seu amigo, o cientista alemão Johannes Kepler, que, como ele, tinha a paixão pelas estrelas e pelos planetas. Ambos desaparecem na cidade de Praga, depois de muito sofrimento, durante a Guerra dos Trinta Anos; contudo, a morte de ambos não significa o fim da sua intervenção no mundo: Arbóreo esconde nos seus ramos um livro de Kepler, *Somnium* (“sonho”, em latim), que fala “de uma viagem imaginária à Lua”, livro que o próprio autor diz ser perigoso, por defender “ideias raras que não agradam àqueles que mandam nos reinos desta Terra”⁴; e é ainda Arbóreo que renascerá junto da sepultura de Kepler, em cuja pedra se lêem estas palavras, que ele próprio ordenou que fossem escritas após a sua morte: “Medi os astros, agora meço as sombras. O espírito volta-se para o céu, o corpo repousa na Terra”⁵. O milagre que este encontro em si mesmo é vem a ser maior porque no final da narrativa há outro encontro: Newton aparece como o herdeiro das “conversas fantásticas de Kepler com Arbóreo”: “Diz-se até que foi a uma árvore rara que Newton foi buscar a

² Sem numeração de páginas.

³ P. 32.

⁴ *O Homem Que Tinha uma Árvore na Cabeça*, p. 26.

⁵ *Idem*, p. 30.

maçã que usou para demonstrar a Lei da Gravidade. Explicava ele que a mesma força que atrai a maçã para a Terra mantém a Lua na sua órbita. Essa maçã tinha um sabor igual ao dos frutos que cresciam na cabeça de Arbóreo”⁶. É sabido que Newton confirmou as leis propostas por Kepler; e é um facto que pelos caminhos da literatura o que pertence a tempos e a espaços diferentes mas tem a mesma densidade passa a pertencer a uma mesma unidade.

Obras, como se vê, que, percorridas por um lirismo vagamente melancólico, um lirismo às vezes superiormente crítico, não se contentam com o tom mais efusivo e demasiado optimista de muitos textos destinados à infância e a juventude (o que os relega para o estatuto de um qualquer produto de mercado comercializado na grande superfície comercial ou na Internet). Essa esperança melancólica ou essa exasperação lúcida, que é ao longo destes livros cicatriz sempre adiada ou luz assombrosa, não pode senão ser acolhida pela desmesura da palavra literária, lugar sagrado em que o sagrado da Natureza se revela à nossa percepção em sensações de sublimidade, construtoras, por sua vez, de implicações cognitivas e de conhecimento (Razão).

Estas narrativas, atravessadas por um misto de melancolia lúcida e esperança exasperada, são, por um lado, representações de uma sociedade estilhaçada num devir sem um rumo anunciado que a sossegue e lhe limpe as feridas, extirpando ou mitigando os factores e os efeitos da angústia. Mas *A Árvore dos Abraços* e *O Homem Que Tinha uma Árvore na Cabeça* mostram-nos, por outro lado, que a única salvação verdadeiramente eficaz contra a sensação de orfandade cósmica que nos abala, contra o materialismo e o utilitarismo do mundo em que vivemos, reside no amor da e pela Natureza; salvação literal, porque o que está em causa é a possibilidade da vida humana na Terra; e salvação interior para cada um de nós, se soubermos inscrever-nos, em equilíbrio epifânico, nesse poema primordial do ser humano que é, como disse Nietzsche, o nosso cosmos e o nosso mundo de palavras.

A literatura, ou a cultura e a sabedoria literárias, e a cultura humanística que daí advém são universos que podem contribuir decisivamente para a entrada da criança ou do jovem nessa experiência de salvação do mundo. Os mais novos vêem e intuem o que os adultos ignoram ou já esqueceram, são os portadores de um segredo de que os mais velhos se afastam tanto mais quanto mais se afastam da *linguagem* e da construção da sua própria *infância*: «As crianças que faziam rodas à volta da árvore começaram a espalhar a notícia de que ela falava e de que parecia ter, no meio do tronco, dois olhos de onde escorriam abundantes lágrimas. Mas ninguém se atreveu a acreditar nelas. Uma das crianças chegou mesmo a ver, desenhada na casca grossa, a palavra “Arbóreo”, mas não sabia o que significava. Ninguém sabia»⁷.

Estes dois livros dizem-nos portanto que vivemos num mundo apocalíptico ou pré-apocalíptico; mas também nos dizem que a Ciência de que nos servimos para destruir o Mundo pode ser usada para o salvarmos; e, acima de tudo, dizem-nos que as crianças são os agentes dessa salvação da e na Natureza e pela Palavra, dessa viagem de regresso à infância do Mundo e da Humanidade.

⁶ *Idem*, p. 32.

⁷ *O Homem Que Tinha uma Árvore na Cabeça*, p. 30.